

Novas aquisições

Gilbert

Gilbert Stuart é o primeiro pintor histórico da América do Norte, a ser representado no Museu de Arte de São Paulo. O pintor viveu de 1755 até 1828 justamente no tempo em que os Estados Unidos conseguiram sua independência da Inglaterra e da França e começaram uma vida própria no mundo novo. Na arte de Stuart, apesar disso, não se encontra a independência da terra natal da mãe. Stuart passou muitos anos na Inglaterra, pintando retratos do rei Jorge III e de Louis XVI da França. Voltando aos Estados Unidos, ele pintou George Washington, Thomas Jefferson e todos os outros líderes famosos dos Americanos deste tempo. Estes retratos podem ser considerados em qualidade e caráter iguais aos dos grandes mestres ingleses do século XVIII. Stuart tornou-se assim um dos maiores retratistas da época, época do charme, do fim do rococó e duma vivacidade sentimental nas formas da pintura. Muito charme tem o seu retrato de Mrs. ffranck Rolleston, que nos leva ao espírito do "Sturm und Drang", do movimento da juventude que procurou os valores sentimentais da natureza, mas ainda bem cultivados, ainda não com a força bruta da revolução francesa, que logo em seguida, abalou o mundo. A representação no nosso retrato fica delicada e sensível, como só podia-a fazer um pintor que esteve em centros culturais e que não entrou na luta do interior das colônias para a fronteira do Far West. Ele guardou todas as qualidades da pintura antiga e usou estes elementos de maneira muito agradável e encantadora.



Gilberto Stuart "Retrato Mrs. ffranck Rolleston" (Museu de Arte de São Paulo)

Pablo Picasso, "O Atléta" (Museu de Arte de São Paulo)

Picasso

A nova tela de Pablo Picasso "O Atléta", que vai enriquecer a coleção do Museu de Arte, leva-nos a conhecer mais um período deste artista, até agora representado na Pinacoteca por um único quadro do "período azul", o "Retrato de Mme. Suzanne B". (Habitat N.º 1). O presente quadro, "O Atléta", foi pintado em 1909 no período cubista. Foi este um período para Picasso, como sabemos, de renovação da forma, quando cor e dimensão tinham ainda para ele alguma importância. Picasso opera sem considerar a natureza como tal. O objeto a ser representado era para ele um tema observado somente do ponto de vista psicológico. Partindo desta consideração ele começou a representar as formas, com elementos geométricos, curvas e ângulos. As normas clássicas de representação de paisagem e a perspectiva foram abandonadas. Foi o cubismo que estabeleceu a norma de que uma tela é uma superfície lisa e bi-dimensional, a qual juntam-se as cores. Desta forma foi necessário encontrar um novo símbolo, um novo esclarecimento para a representação da terceira dimensão. Isto foi experimentado com a divisão da pintura em formas estereoscópicas. A primeira preocupação foi de dar uma nova vida a todas as representações contidas na superfície da tela, e um novo equilíbrio, elementos não mais pensados numa profundidade ilusória, mas que logo prendam a atenção do observador. Estas deformações eram para Picasso, quer em teoria, quer em prática, de grande importância, pois levaram à composição abstrata, à nova concepção de harmonia de cores e à síntese das figuras no espírito da verdadeira arte da nossa época.





John Constable "Paisagem com a Catedral de Salisbury" (Museu de Arte de São Paulo)

Constable

Desde o início da pintura inglesa da idade moderna está presente a natureza, como seu fundo nos retratos, contribuindo para a sua atmosfera. Não que a natureza e a realidade fossem procuradas como tais. Quais as intenções do artista ao representar as personagens nos jardins e no meio das árvores? A natureza era somente o fundo, e como tal permaneceu por muito tempo, ainda quando pintores como Gainsborough representavam-na isoladamente numa atmosfera campestre no meio de árvores antigas e de moitas cerradas. Tratava-se sempre de paisagens num sentido de cenário, com grupos de árvores transparentes como Watteau costumava pintar, ou com cores escuras e mais pesadas, próprias dos flamengos. No entanto, foi sempre uma pintura linda, diferente daquela dos românticos alemães, principalmente de Caspar David Friedrich que nos deu uma natureza plena de sentimentos e idéias filosóficas. John Constable (1776-1837) representado na nossa Galeria pela "Paisagem com a Catedral de Salisbury", supera num certo sentido esta representação romântica da natureza e pode ser conside-

rado como o precursor da pintura moderna de paisagem, com seus traços leves e desembaraçados. Caracteriza-se a pintura de Constable e de Turner não através dum sentido revolucionário, não por um intuito de representar a natureza duma forma simplificada e leve, sem sacrificar os valores elevados do barroco e do rococó. Encontramos em Constable uma técnica livre, à maneira de esboço, uma escolha de motivos que se aproxima a uma impressão imediata da natureza, cores profundas, como o verde, que nós revelam a espontaneidade de seus sentimentos. Mas também este verde, como podemos admirá-lo na nossa tela é abafado por uma tonalidade profunda, dando uma impressão complexa de gebelin, entrelaçado com cores leves e vivas que deixam de emprestar à natureza aquela vivacidade alcançada pelos Impressionistas, conseguindo porém uma atmosfera de luz das mais agradáveis. Esta característica da arte de Constable foi o incentivo da arte da paisagem européia que seguiu; pois nela encontraram os artistas, especialmente os franceses quanto procuravam; isto é, uma ordem não rígida dentro de uma liberdade de impressões.